

A MEDIAÇÃO EM ATIVIDADES ITINERANTES DE DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

MEDIATION IN ITINERANT ACTIVITIES PROMOTION OF SCIENCE FROM THE PERSPECTIVE OF CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS

Simone Pinheiro Pinto¹
Guaracira Gouvêa²

Resumo

Nesse artigo, vamos apresentar uma breve reflexão a respeito da mediação humana nos museus e centros de ciências e os pressupostos teóricos da Análise Crítica de Discurso (Fairclough, 2003) para que possamos relacioná-los aos discursos produzidos por mediadores quando estão em ações itinerantes de Divulgação da Ciência na intenção de promover uma discussão a respeito da mediação durante esse tipo de ação. Para tanto os estudos estarão focados nas falas e em outros elementos semióticos produzidos por mediadores durante as atividades, em busca dos principais discursos nelas utilizados. Analisamos uma ação do projeto Ciência Móvel: vida e saúde para todos observando quatro mediadores em atuação com diferentes visitantes em um equipamento interativo denominado miniusina hidrelétrica. De acordo com o que observamos, os quatro mediadores apresentaram um discurso pedagógico com ênfase na descrição do aparato e na conversação. Na verdade, o que se percebe é que os mediadores reproduzem um discurso pedagógico atravessado por um discurso do cotidiano empregado na tentativa de aproximação dos aparatos interativos com o público. Outra questão observada nos discursos é o ato de 'simplificar' para favorecer o entendimento do experimento. Talvez isso ocorra devido à dificuldade de transformar determinados conceitos elaborados em um equipamento atraente e divertido ao mesmo tempo.

Palavras chave: Mediação. Divulgação da ciência. Análise crítica de discurso.

Abstract

In this article, we present a brief reflection about human mediation in museums and science centers and theory of Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2003) so that we can relate them to the discourses produced by mediators when they are itinerant actions dissemination of Science in intention to promote a discussion of mediation during this type of action. For both studies will be focused on the speeches and other semiotic elements produced by mediators during activities in pursuit of the main discourses used them. We analyze an action project Mobile Science: life and health for all four mediators in observing activities with different visitors on an interactive device called mini hydroelectric plant. According to what we observed, the four mediators presented a pedagogical discourse emphasizing description of the apparatus and conversation. In fact, what we see is that mediators reproduce a pedagogical discourse traversed by a speech from the everyday employee in an attempt to approach the apparatus interactive with the audience. Another issue observed in the discourse is the act of 'simplifying' to encourage understanding of the experiment. Perhaps this is due to the difficulty of transforming certain concepts developed into an attractive and fun while equipment.

Keywords: Mediation. Dissemination of science. Critical discourse analysis.

¹ Museu Ciência e Vida/Fundação Cecierj e NUTES/UFRJ

² Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação. Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e Saúde. NUTES/UFRJ

Introdução

Durante muito tempo os museus foram considerados apenas como repositório de objetos com exposições de espécies exóticas, entre outras coisas. Atualmente, podemos entendê-los como instituições centrais da cultura e fontes de conhecimentos onde através de um discurso expositivo e um maior dinamismo, se estimulam conexões entre o saber e a sociedade, assumindo cada vez mais seu papel educativo.

Dentro desta perspectiva, os museus de ciências buscam favorecer a promoção da cultura científica, a divulgação da ciência e o envolvimento com a educação. Além disso, são espaços que procuram desenvolver táticas de comunicação através de diversas atividades, como organização de exposições, mostra de vídeos, painéis, preparação de roteiros de visitas, preparação de material para orientação de professores, oficinas para público escolar e público em geral, entre outras atividades. Nesta lógica, alguns museus e centros de ciências vêm propondo exposições que contemplam espaços para debates conduzidos por mediadores, exposições com múltiplos olhares sobre o mesmo tema, oficinas, palestras e diversas atividades, favorecendo e estimulando a reflexão (Marandino, 2008).

Gruzman e Siqueira (2007, p.403) apontam que “a relação entre o museu e a sociedade não se deu sempre da mesma maneira”, tal como o conceito de museu, que foi se modificando com o passar do tempo. Ainda segundo as autoras, a articulação dos museus com a sociedade passou a se intensificar “a partir de uma preocupação com a educação e a divulgação científica e o seu comprometimento com a compreensão pública da ciência”. A educação formal complementada por uma educação não formal permite o acesso a outros contextos e saberes diferenciados da escola, frisando que o entendimento dos museus como espaços intencionalmente educativos é uma percepção relativamente recente na história dessas instituições (Marandino *et. al*, 2008). Museus influentes de diferentes países vêm mudando sua política cultural, propondo reformas em relação ao seu espaço e apresentações de coleções, e assim promovem novas abordagens de aproximação com a sociedade com a intenção de alcançar um público cada vez maior. De acordo com Gouvêa (2009, p.335)

a difusão de conhecimento científico e tecnológico vai se caracterizando como um fenômeno comunicacional de massa, tornando-se objeto de estudo de teóricos da comunicação e introduzindo a figura de um mediador – o comunicador - entre o cientista e o público leigo.

A linguagem é o meio pelo qual ocorre à mediação, seja através da fala, da escrita ou de outras formas de mediação semiótica, a linguagem permanece presente nas ações de mediação. Segundo Ribeiro e Fuchi (2008, p. 68) o:

reconhecimento, a valorização do papel da mediação como a linguagem humana dos museus, revela a mudança de foco que vem ocorrendo, de modo especial nos museus de ciências: do conteúdo, do objeto, da técnica, para o homem, para o público, com sua sensibilidade, suas referências culturais, suas demandas de informação, de conhecimento científico e tecnológico, sua necessidade de sentir-se inserido/incluído nesse contexto.

Referente a esta mudança apontada pelos autores, Marandino (2008) destaca que os museus tiveram grande influência das teorias educacionais no mundo inteiro, e principalmente nos museus de ciências a perspectiva educativa foi se modificando, sendo possível encontrar diferentes tendências pedagógicas em ações desenvolvidas por essas instituições. A autora destaca ainda que nas últimas décadas: “as abordagens comunicacionais em museus vivenciaram uma mudança de paradigma, que teve por premissa assumir o público como ator central no processo de comunicação” (Marandino,2008, p.16).

Dentro desta perspectiva de desenvolvimento de comunicação entre o público e a exposição, o mediador se torna, conforme descreve Barros (2008, p.66):

um terceiro elemento num processo de construção de uma qualquer realidade fortemente comunicacional no qual desempenha o papel simultaneamente de tradutor, facilitador, negociador, anfitrião, embaixador, parceiro, moderador, decodificador, orientador, catalisador e intermediário entre dois ou mais interlocutores, tendo como cenário diferentes contextos de sociabilidade, sendo por isso a sua identidade redefinida constantemente.

A presença de mediadores nos museus de ciências no Brasil é constante, nos quais esses profissionais desenvolvem papéis significativos. No entanto, cada museu ou centro de ciências, têm suas estratégias de comunicação de acordo com suas especificidades. Em sua maioria, Museus e Centros de Ciências, ao longo dos últimos anos formam seus mediadores (Museu da Vida, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Espaço Ciência, Estação Ciência, Casa da Descoberta, entre outros). Segundo Pavão e Leitão (2007 p.41) o mediador é “instrumento interativo por excelência”, visto que na maioria das vezes é o responsável pela interação entre o objeto expositivo com o público, sendo eles, os mediadores, que podem proporcionar a crítica, a curiosidade e a indagação do visitante. De acordo Rodari e Merzagora (2007, p. 8) “os mediadores são os únicos que podem literalmente dialogar com os visitantes”, ou seja, são pessoas imbuídas de facilitar a comunicação entre o público e o objeto expositivo, adequando as linguagens de acordo com o interlocutor, extraindo conceitos e problematizações e relacionando-os, quando oportuno, com outros objetos da exposição.

Na ultima década percebemos mudança significativa na política de incentivo e financiamento na divulgação da ciência brasileira. Destacamos como fruto o crescimento dos centros e museus de ciência, assim como o estímulo de novas modalidades de ação, em particular, os programas itinerantes como o "Ciência Móvel". Nos projetos itinerantes, para comunicar-se

com o público, é fundamental a presença de um mediador. É o mediador que, através da palavra, tem o desafio de adaptar o que está sendo exposto aos diferentes públicos que circulam pela exposição.

Construção metodológica do estudo

A proposta deste estudo é investigar o discurso presente nas mediações nas atividades itinerantes de divulgação da ciência, focando nas falas e outros elementos semióticos produzidos por mediadores durante as atividades, utilizando como base referencial, os estudos da Análise Crítica do Discurso (ACD), em particular, os estudos desenvolvidos por Norman Fairclough (2003).

Segundo Fairclough(2003) e Chouliaraki e Faiclough (1999) podemos entender a linguagem como parte das estruturas sociais, sendo as práticas sociais as dimensões que mediam entidades organizacionais entre estruturas e eventos sociais. Na ACD, usualmente as análises são conduzidas em etapas interligadas, favorecendo as relações entre as dimensões discursivas macro e micro sociais que estão vinculadas ao problema em questão. A dimensão macro diz respeito à rede de práticas sociais que são inerentes ao estudo, no caso deste artigo, os museus de ciências e a mediação humana em atividades itinerantes. A dimensão micro é constituída pelos atores sociais e suas práticas discursivas, que são ações dos mediadores nessas atividades, por meio de suas construções culturais e sociais.

Refletindo sobre a relação dialética entre discurso, sociedade e suas relações de poder e controle nos diferentes campos recontextualizadores, organizamos nossa investigação a partir das análises de discurso embora em algumas circunstâncias elementos do gênero e estilo nas falas dos mediadores sejam ressaltados.

Os discursos configuram formas particulares de construção de textos, uma vez que enfatizam determinados conteúdos, assuntos e áreas de conhecimento de configuração bastante arbitrária de acordo com os interesses institucionais, pedagógicos, de valores, entre outros. Pode-se compreendê-los como formas particulares de representação de aspectos do mundo físico, social e psicológico podendo ser também imaginário e projetivo. Assim, o mesmo discurso poderá originar várias representações específicas. Então de acordo com Fairclough (2003) podemos identificar diferentes discursos em um texto observando o discurso como representando uma área particular do mundo e representando alguma perspectiva particular sobre os temas.

No que diz respeito aos gêneros considerados pela ACD estaremos indagando como os gêneros figuram e contribuem para uma ação e interação na exposição móvel analisada (FAIRCLOUGH, 2003). Os estilos, segundo Fairclough(2003), são as características discursivas dos modos de ser, das identidades, se distinguem através do grau de interação entre as pessoas, o que dependerá dos eventos, das relações entre as práticas sociais, das estruturas sociais e das habilidades dos mediadores. No âmbito desta investigação esta análise nos permitirá perceber como os discursos da mediação se apresentam nas atividades itinerantes de Divulgação da Ciência. Para tanto, a apreciação dos dados está centrada na fala do mediador, especificamente nas características discurso, gênero e estilo.

Corpus da investigação – O contexto da divulgação itinerante e a escolha dos mediadores

O projeto “Ciência Móvel - Vida e Saúde para Todos” é considerado um museu itinerante que viaja em um caminhão (semirreboque adaptado) levando exposições, jogos, equipamentos interativos, multimídias, oficinas e outras atividades desenvolvidas pela equipe do Museu da Vida/FIOCRUZ. Trata-se de uma unidade móvel constituída por um cavalo mecânico e um semirreboque com 13,5 metros de comprimento que percorre municípios da Região Sudeste.

Os equipamentos e experimentos interativos abordam diversos temas ligados à promoção da saúde, ao meio ambiente, ao fenômeno da vida e à preservação do patrimônio histórico-científico, cujos conteúdos são tratados de forma interligada através de módulos de atividades: palestras; mostra de vídeos científicos; contadores de história; jogos; exposições; oficinas e um planetário móvel.

A comunicação com o público é realizada por diferentes linguagens, e suas ações (vídeos, oficinas, exposição) dependem de múltiplas mediações. No projeto, a mediação é desenvolvida de acordo com a postura metodológica do Museu da Vida em valorizar a mediação humana como melhor forma de aproximação do objeto expositivo e o público. Essa mediação é realizada por alunos de graduação, graduados (Biologia, Física, Química, Astronomia, Pedagogia e Geologia com curso de licenciatura em suas áreas) ex-mediadores do Museu da Vida e alunos do ensino médio.

A seleção de mediadores para esse projeto é realizada com frequência devido à forma de trabalho temporário e também pelo fluxo de saída dos mediadores, pois para participar do projeto os mediadores devem ter tempo disponível para as viagens. A divulgação para seleção de mediadores geralmente é feita entre os pares (museus de ciências) e entre os próprios mediadores que já participaram do projeto. Assim que ocorre uma seleção, acontece o treinamento na sede

do Museu da Vida pelos coordenadores do projeto. A capacitação dos mediadores tem duração de uma semana e é dividida em atividades onde são apresentados os objetos das exposições e o trabalho a ser realizado durante as ações.

A escolha dos mediadores para essa investigação se deu na capacitação ocorrida em 2012 no Museu da Vida, na qual foram selecionados quatro mediadores, dois rapazes e duas moças. Dois deles graduandos em Biologia, um graduando em Física e um já graduado em Biologia. O corpus do estudo consistiu em textos transcritos desses quatro mediadores após uma atividade de divulgação da ciência do projeto Ciência Móvel: vida e saúde para todos realizada no Município de Itatiaia localizado na região sul do Estado do Rio de Janeiro. Todas as falas dos mediadores foram áudio gravadas, tendo cada mediador ficado com um gravador todo o tempo em um local que facilitasse a recepção da sua voz e vídeo para possibilitar a gravação de algumas dessas mediações.

Como objeto interativo de observação utilizamos o equipamento que chamamos de miniusina hidrelétrica. Essa escolha está associada à presença da subestação da empresa Ampla (Companhia de Distribuição de Rede Elétrica) e da Represa do Funil nessa cidade. Além disso, o experimento permite uma extensa abordagem temática sobre Energia. Nele é possível explorar desde a importância da energia elétrica para vida em sociedade e suas consequências, assim como as mudanças comportamentais nos séculos XX e XXI, em função das novas tecnologias, passando pela questão econômica industrial e geração de empregos, até problemas de impactos ambientais, implícitos em qualquer forma de geração de energia, enfatizando os conceitos físicos e os desafios de engenharia envolvidos no processo. O importante desse processo é que o visitante perceba que a maior parte da energia elétrica produzida na sociedade moderna é devido à variação do campo magnético, conhecida como lei de Faraday, entendendo, mesmo que empiricamente, como funciona o sistema que levou esse cientista a formular a sua lei, ou seja, o princípio que rege o funcionamento da turbina das usinas geradoras de energia elétrica.

Análise da produção textual dos mediadores

Para preservar suas identidades os mediadores serão identificados por mediador E, F, J e R. Logo, vamos observar as formas de ação discursivas dos mediadores no sentido de ressaltar como seus discursos estão se constituindo.

Os textos (falas transcritas) selecionados são, em geral, narrativos, descritivos e conversativos, nos quais predomina o presente do indicativo na intenção de explicar os aparatos interativos. Fairclough (2003, p.68) classifica a narração, a descrição e a conversação como pré-

gêneros. Para o autor, “pré-gêneros são categorias mais abstratas que ‘transcendem redes particulares de práticas sociais’ e que participam na composição de vários gêneros situados”. Os pré-gêneros descrição e conversação são bastante encontrados no momento de apresentação dos aparatos interativos.

Mediador F: (...) *isso aqui é uma miniatura de uma hidrelétrica, é uma versão pequenininha, ó aqui tem um jato de água como acontece na natureza, aí logicamente que na natureza não tem um cano, então o que, que o engenheiro faz? Ele represa o rio, bota uma, uma portinha, bota uma portinholazinha pra água passar e aí a gente tá vendo essa água passando, como se fosse passando por esta porta, aqui escondido atrás da parede tem uma roda igual essa e essa roda está girando um motor igualzinho aquele ao da bicicleta. Quando ele gira, ele vai acumulando energia e olha o que, que acontece quando a gente acumula energia (...)*

Mediador J: *(apontando para um multímetro que está acoplado ao equipamento) tá medindo a quantidade de energia (continua apontando para o multímetro) e isso aqui tá produzindo, o nome disso aqui é uma miniusina elétrica, uma miniusina hidrelétrica, aqui a gente tem alguns aparelhos dessa hidrelétrica, ligados a essa hidrelétrica (...)*

Ao observar essa sequência, percebe-se uma tentativa de descrever o aparato utilizando-se a estratégia de conversação. Os mediadores usam as expressões “aqui tem um jato de água” (apontando para o equipamento) como uma forma de apresentação e fazem comparações “aí logicamente que na natureza não tem um cano”, na intenção de apresentar o fenômeno que o aparato representa. Nos trechos abaixo podemos observar melhor os aspectos que foram utilizados para a descrição:

Mediador E: (...) *isso daí é uma usina, ali vocês pedalam pra acender, aqui você tá pedalando (se referindo a outro equipamento), aqui é a água que tá pedalando a roda. Agora aperta isso daqui, bota a mão aqui, sentiu o ventinho? É como se fosse o ventilador, agora aperta esse daqui, aqui é a lâmpada, é como se fosse a lâmpada do seu quarto, e esse daqui ó? É como se fosse outro ventilador, viu? Lá foi a bicicleta, aqui é a água, só que na verdade na sua casa é assim: a luz vem grandão, aqui na pequenininha, aí vem à água bate, passa pelo fio e ele... viu? Agora o que, o que acontece se a água parar? Não tem energia. (...)*

Nesse trecho observamos na fala do mediador as explicações através das descrições do aparato por meio de comparações ou metáforas, uma característica do gênero descritivo, bem como a relação entre os elementos que compõem o equipamento limitados a uma breve apresentação de seus componentes, focalizando, sobretudo, alguns aspectos de como a energia chega a sua casa e não a sua conversão, que seria um dos objetivos do equipamento interativo.

Outra sequência observada com frequência é a conversação, que ocorre por intermédio de um questionamento realizado pelo mediador instigando o público a utilizar/experimentar o aparato interativo. Por exemplo:

Mediador J: (...) *isso aí é o quê? O que você acha que é isso? Um gerador de energia? Porque você acha que é isso? Então vamos lá. Você que parece que é corajoso, aperta esse botão preto aí. Vamos ver o que, que acontece! Aperta, vai. (...)*

Segundo Fairclough(2003) o jeito como as pessoas se comprometem tem importância significativa na construção de suas identidades e como estas se manifestam no texto. Em nossa investigação encontramos em todos os textos/falas o estilo informal, com uma relação forte entre os participantes (mediador/público) e de modo conversacional, sendo marcado pelas estratégias de linguagens utilizadas no sentido de uma maior aproximação com o público. Essa classificação fica bastante evidenciada nos seguintes exemplos de um mesmo mediador com públicos diferenciados no mesmo equipamento:

Mediador F: (...) *O que foi? O que, que você acha? O que, que parece, já viu alguma coisa assim parecida em algum lugar? Nunca? Como é que você acha que chega a energia na sua casa? Não, não cola não, não cola não, como é que a energia chega na sua casa... isso...e da onde é que a eletricidade vem?... e o fio vem de onde? Do poste? E a ampla é o que? o que que ela é? uma empresa, um ônibus?... E ela faz o que? Corta a luz? quando não paga?(...)*

Mediador F(com outro grupo): (...) *Lava-jato? Que, que é isso? Chuta... vou ver se tem uma bala lá na frente se tu acertar de onde vem a energia da sua casa? Fala pra mim, do poste? Do fio? Mas o fio vem de onde? Qual o nome da represa? Funil né. Então o funil é mais ou menos como aquilo dali né? Já foi lá? no funil? Não? Pô do lado da sua casa e você não foi lá ver?(...)*

De acordo com Fairclough(2003) os discursos particulares de representação em aspectos do mundo podem ser evidenciados em um texto, através de traços linguísticos que ‘atualizam’ um discurso, sendo o vocabulário o mais evidente desses traços, uma vez que diferentes discursos ‘lexicalizam’ o mundo de maneiras diferentes. Logo, é possível identificar diferentes discursos nos textos produzidos pelos mediadores, por exemplo, representações que compõem o discurso do cotidiano (relação dos modelos experimentais com o dia a dia do visitante) e perceber a ausência de alguns discursos com o discurso social e o científico que o aparato observado permite.

Mediador F: (...) *Então o funil não é um lago que foi represado por um paredão, tem uma parede lá, então dentro daquela parede tem uma queda d’água que quando a água passa e cai nesse buraco lá dentro é o mesmo processo daqui óh, tem uma rodinha, então isso que eu to explicando, tem uma roda e quando essa roda, essa água, água que cai lá da represa da parede bate na roda e faz ela girar o movimento de girar óh, acumula energia no motor, ta vendo lá um motorzinho lá trás? Então esse motor é igual aquele motor que ta ali. Alá o, um tipo de motor né. Quando ele gira quanto mais gira mais energia ele produz. Energia serve pra que? Aqui ó, então olha aqui ó, vamos desligar aqui, olha o que, que acontece, tudo parado né? A energia é pra girar, ligou aqui o ventilador, luz, e se você não paga conta de luz? Corta, isso. Olha ai. Acabou né? Parou tudo (...)*

Mediador J: (...) *Ola galera! Tudo bem? Boa noite!Pra vocês o que, que isso é? Já viram isso em algum lugar? Nunca? Jura? (não entendi) você tem noção de como essa energia elétrica é produzida? Já ouviram, já ouviram falar de hidrelétrica? O que, que é uma hidrelétrica? É onde produz a luz? Aonde produz? Energia elétrica. Correto, não só a luz, porque a gente precisa de energia elétrica pra ligar o fogão, a geladeira, o micro-ondas, o ferro de passar, mas o que, que a gente usa? Um monte de coisa, pra ficar no computador, usar o facebook, não é isso?(...)*

Mediador J: (...) *É a gente teria que usar algum tipo de energia que a gente fala, eu, é energia renovável tipo: o vento, o vento nunca acaba correto? A água pode acabar o vento não então deveria usar o vento, quando o vento, você já viu um cata vento? Já? Sabe o eu é um cata vento? Aquele que fica rodando assim? Tem lugares que usam o cata vento, tem lugares eu usam energia solar, a*

energia do sol pra produzir energia elétrica, aqui no Brasil a gente usa mais essa daqui, a energia da hidrelétrica(...)

Nesses exemplos de mediação percebe-se um discurso permeado por associações com situações do dia a dia do visitante. Pode-se dizer que neste caso, a utilização deste discurso tem aqui o propósito de aproximação com o visitante, para que o ambiente ‘da ciência’ deixe de ser percebido como um lugar distante. Ao incluir em seu texto objetos que representam o cotidiano do visitante, o mediador recontextualiza a fala e, por meio disso, oferece uma percepção ao público de que está vivenciando uma situação comum, ou seja, a ciência ou o conhecimento científico pode ser visto e entendido como algo familiar e que acontecem em atitudes corriqueiras. No entanto, como já dito anteriormente, há uma ausência de articulação dos conteúdos do aparato interativo com as possíveis discussões que o mesmo permite, como por exemplo, as questões ambientais e os conceitos físicos que envolvem o processo de produção de energia elétrica através do equipamento interativo miniusina hidrelétrica.

Considerações

Neste estudo procuramos explorar como o discurso da mediação humana se apresenta em atividades itinerantes de Divulgação da Ciência desenvolvidas por espaços de educação não formal. O que se depreende dos textos é que os mediadores, na verdade, reproduzem um discurso pedagógico, permeado por um discurso do cotidiano utilizado para tentar aproximar o público dos aparatos interativos que, apesar de estarem contextualizados com o momento da atuação dos eventos, estão descontextualizados com as questões científico tecnológica que se propõe. O que se percebe é um procedimento de ‘simplificação’ dos experimentos buscando uma melhor compreensão dos fenômenos que ele pode reproduzir. Talvez essa forma de apresentação ocorra devido à dificuldade de transformar determinados conceitos elaborados em um equipamento atraente e divertido ao mesmo tempo.

De acordo com Davallon (2007) a função da mediação é agir de forma a promover articulações entre dois universos diferentes entre si. Esta afirmação ressalta a importância do papel da mediação em atividades itinerantes de divulgação da ciência como o laço entre informação, conhecimento e percepção pública da ciência. O que se espera é que a mediação estimule o interesse por essa diferença, que o mediador contextualize as informações que estão expostas, fazendo com que o público relacione os conhecimentos obtidos com seu meio social e cultural e, de certa forma também, proporcionar um contato diferenciado com a ciência. Que seus discursos sejam permeados por diferentes discursos: o da ciência, o pedagógico, o cotidiano, o social, e tantos outros que favorecem o desenvolvimento do papel da divulgação da ciência.

Referências

BARROS, Ana Bárbara, De Corpo e Alma: Narrativas dos Profissionais de Educação em Museus da Cidade do Porto. Dissertação de Mestrado do Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Museologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DAVALLON, Jean. Comunicação e sociedade: pensar a concepção da exposição. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro (Org.); BEZERRA, Rafael Zamorano (Org.); BENCHETRIT, Sarah Fassa (Org.). Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, p. 17-3, 2010.

DAVALLON, J. "A mediação: a comunicação em processo?", prisma.com. n.4, junho. 2007. Disponível em: http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n4_junho_de_2007. Acessado em junho de 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. Analysing discourse: Textual analysis for social research. London/New York: Routledge, 2003.

GOUVÊA, Guaracira. A Cultura Material e a Divulgação Científica. In: Granato, M. Rangel, M. (orgs.). Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia - Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2009. Livro eletrônico disponível em: http://www.mast.br/livros/cultura_material_e_patrimonio_da_ciencia_e_tecnologia.pdf - acesso em janeiro de 2014.

GRUZMAN, C. e SIQUEIRA V. H. F. de. O papel educacional do Museu de Ciências: desafios e transformações conceituais. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias Vol. 6, Nº 2, p. 402-423. 2007.

MARANDINO, Martha. (org). Educação em museus: a mediação em foco. São Paulo: GEENF/USP, 2008.

RIBEIRO, M.G. FRUCCHI, G. Mediação – a linguagem humana dos museus. In: Massarani, Luisa (org.) Diálogos & ciência: mediação em museus e centros de Ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 67-74, 2007.

RODARI, P. MERZAGORA, M. Mediadores em museus e centros de ciência: Status, papéis e treinamento. Uma visão geral europeia. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (orgs.). Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de ciência. – Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 47 – 54, 2007.